

ficção

JOSÉ CARDOSO PIRES
O BURRO-EM-PÉ

Moraes Editores, Lisboa / 1979

A existir um elo de ligação entre as cinco «estórias», aparentemente tão diversas entre si, que compõem este livro, só pode ser este: a(s) criança(s). Até mesmo o conhecidíssimo texto de 1972, *Dinossauro Excelentíssimo*, que chegou a abalar a ditadura, sendo uma fábula que rabuliza e mumifica o ditador Salazar, é, na sua essência, uma maneira assaz singular de restituir o homem à sua primeira idade, isto é, de frente para trás, desde a velhice e o apodrecimento no poder até à infância quase bíblica da vida, do grande sonho e da predestinação iniciática. Ocorre-me até dizer que em nenhum momento do livro este jogo alternado entre a aparência e a verdade sofre qualquer desvio: a ficção dos adultos mergulha as suas raízes existenciais nas realidades da infância (pobre ou não-pobre, com ou sem direito à idade e aos prazeres lúdicos adequados), da infância e dos meninos subtraídos ao sonho e chamados pelos homens à dureza do trabalho e dos dias. Esta minha ideia sobre a unidade temática da obra sofre, no entanto, as rupturas previsíveis (e, de certo modo até, admissíveis) de qualquer processo literário que vise a multiplicidade aparente das situações narrativas.

O ponto de encontro desta escrita datada no tempo (entre 1959 e 1978) reside, pois, mais no fio condutor da sua temática do que no seu processo intencional. Salva-se, portanto, de poder ser considerado como um precário e vulgar xadrez avulso, fruto de algum aperto editorial ou

de outras emergências — mas não deixa de sugerir também um certo carácter de recolha, na sua tentativa de recuperar textos em *pausio*. Nem por isso, em suma, é só uma coisa ou somente o seu inverso, entenda-se.

Na atenção que dispensa ao despertar dos meninos para o mundo dos homens, no urdir da relação quotidiana pai-mãe-filho-filha (relação amiúde brutal, desatenta, inculta e tosca) estabelece-se um dos focos de interesse desta obra de José Cardoso Pires. Não é uma relação intensa, umbilical ou sequer complexa; pelo contrário, é mais disjuntiva do que envolvente, pois, sendo aparente, poderá induzir o leitor a seguir apenas o curso do seu fluido primordial que é, no modo de ver, o problema do encontro/desencontro de pessoas com algum ascendente sobre a criança. O percorrer macio, vagamente irónico, do A. é tão-só significativo do modo como se aproxima do mundo representado pela sua escrita. Curiosamente, aliás, é no ponto de vista (narrativo, sensorial e até ideológico) que o A. melhor professa nestes textos a sua relação com o imaginário. O duplo vector do vivido e do acontecido coloca a criança na situação do observador sensível, de pouca fala, mas algo falada por outrem; situa o adulto na esfera do actor e a criança na do agido. Explicando melhor: em «Os Reis Mandados» (p. 13), João-Janico é confrontado com a infância perdida. De chofre. Compram-lhe umas botas de encomenda (significativamente: são grandes de mais para o tamanho do seu pé), e mandam-no à procura de trabalho. Regressa ao fim dum dia de baldada via-sacra, cabisbaixo, faminto, e é atropelado por meninos da sua idade que brincam (a quem ainda ninguém roubou a infância), algures num bairro suburbano. Ironicamente, o jogo dos meninos chama-se *reis mandados*, e essa designação não é de todo inocente; em «O conto dos chineses» (p. 31), as filhas do guarda da obra suspendem o jogo e assistem, intrigadas, à aparição das exóticas figuras dos vendedores da China, mas é seu pai quem os recebe e lhes dá alimento, porque só ele detém a *competência* do entendimento dinâmico do mundo. O conto intitulado «Por cima de toda a folha» (p. 123) é, porém, sintomático duma certa ruptura com uma boa parte das ideias atrás expressas. A menina Celeste assume aí a capacidade de pôr em funcionamento a memória dos homens, o seu trauma do êxodo de África e da guerra colonial: é a fusão de dois mundos repentinamente sobrepostos, mas a cuja sobreposição afluiu uma inimaginável cadeia de violências. Passam por aí então os sinis-

tros, os *herbicos* assassinos de África, os fardetas, os colonos, os funcionários da morte em África. A nossa literatura temática da guerra colonial tem neste texto uma das suas máximas no modo como o A. define a própria guerra: «O pior é que, de tanto bater, o pau abriu fásca e pegou fogo ao mato — tinha de ser» (p. 124). A menina Celeste brinca, mas não se dá conta (ou dará?) de que o faz utilizando ludicamente os seus pesadelos. As secretas memórias da sua boneca são, sem dúvida, uma zona do inconsciente que funciona. Imaginemos, se possível, um escritor à janela de sua casa, observando ou ouvindo esta espécie de jogo entre o que é e o que parece ser. Brinca-se ao acontecido, é claro, na pessoa da menina *retornada* de África com os pais, mas a sua serenidade quase dramática está a meio caminho entre o lúdico e o nó sanguíneo dum testemunho que não sabe, não pode ainda assumir.

Fica muito por dizer acerca deste livro, mas talvez conviesse reflectir um pouco numa derradeira questão: qual o seu lugar no quadro da restante obra publicada pelo Autor? Depressa e bem não vai ninguém, é certo. Diria apenas que discordo de quantos situaram este volume em lugar secundário. José Cardoso Pires está aqui todo ainda, e de pé, pois, de entre os velhos contadores de histórias que conheço e admiro, guardo memória do seu rigor, da sua forma cuidada de conservar o rito e dosear a linguagem com uma forte componente da nossa oralidade e com outro tanto de literariedade. Foi talvez essa forma de equilíbrio que o singularizou entre nós. E é seguramente isso também que inscreve este livro no rigor, na elevação e na simplicidade aparente de toda a obra do Autor.

João de Melo